

Narrar e dar a ver em um mesmo movimento pelo virtual na formação docente

Narrating and showing in the same movement through the virtual in teacher training

Narrar y mostrar en un mismo movimiento a través de lo virtual en la formación docente

Joelson de Sousa Morais¹

 [0000-0003-1893-1316](https://orcid.org/0000-0003-1893-1316)

RESUMO: Pautado numa *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica o texto surgiu na docência universitária envolvendo quatro docentes, entre os quais sou sujeito-autor do estudo juntamente com três professores(as) da Educação Básica, das cidades de Piripiri (PI) e Capitão de Campos (PI). Tem como objetivo compreender as contribuições da escrita narrativa (auto)biográfica no meio virtual e seus reflexos no processo de formação de professores(as) na Educação Superior. Usou como dispositivos metodológicos: escrita narrativa (auto)biográfica e conversas no meio virtual. Como resultados foi possível refletir que o desenvolvimento da *pesquisaformação* no ciberespaço com o uso do e-mail como dispositivo metodológico, ultrapassou as lógicas instituídas construindo um conjunto significativo de aprendizagens e conhecimentos tecidos na formação pelo narrar.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita narrativa (auto)biográfica; Formação de professores(as); Espaço virtual; Educação Superior.

ABSTRACT: Guided by a (auto)biographical narrative research, the text emerged in university teaching involving four teachers, among whom I am the subject-author of the study together with three teachers of Basic Education, from the cities of Piripiri (PI) and Capitão de Campos (PI). It aims to understand the contributions of (auto)biographical narrative writing in the virtual environment and its effects on the training process of teachers in Higher Education. Used as methodological devices: (auto)biographical narrative writing and conversations in the virtual environment. As a result, it was possible to reflect that the development of research-training in cyberspace with the use of e-mail as a methodological device, surpassed the established logics, building a significant set of learning and knowledge woven in the formation through narrating.

KEYWORDS: Narrative (auto)biographical writing; Teacher training; Virtual space; College education.

RESUMEN: Guiado por una investigación narrativa (auto)biográfica, el texto surgió en la enseñanza universitaria involucrando a cuatro profesores, entre los cuales soy el sujeto-autor del estudio junto con tres profesores de Educación Básica, de las ciudades de Piripiri (PI) y Capitão de Campos (PI). Tiene como objetivo comprender las contribuciones de la escritura narrativa (auto)biográfica en el entorno virtual y sus efectos en el proceso de formación de profesores en la Educación Superior. Utiliza como dispositivos metodológicos: la escritura narrativa (auto)biográfica y las conversaciones en el entorno virtual. Como resultado, se pudo reflejar que el desarrollo de la investigación-formación en el ciberespacio con el uso del correo electrónico como dispositivo metodológico, superó las lógicas establecidas, construyendo un conjunto significativo de aprendizajes y saberes tejidos en la formación

¹ Doutor em Educação. Professor Adjunto do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. E-mail: joelson.morais@ufma.br

a través de la narración.

PALABRAS CLAVE: Escritura narrativa (auto)biográfica; Formación de profesores; Espacio virtual.

Uma reflexão introdutória necessária...

O texto em pauta se originou da minha experiência como professor formador na docência universitária com a disciplina *História da Educação* ministrada no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no campus de Piripiri (PI), pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) que aconteceu no primeiro semestre de 2023, de forma presencial e com atividades no formato virtual.

Trazer experiências formativas com a produção, compartilhamento e reflexões outras geradas nesse movimento de narrar e dar a ver outros sentidos e conhecimentos pelo meio virtual na formação de professores(as) é a proposta desse texto, além de dar visibilidade a estes sujeitos mediatizada pelas suas narrativas. Principalmente, porque no ciberespaço, permite impulsionar a construção de outras tantas linguagens midiáticas e expressões do vivido na constituição de redes comunicativas e interativas que podem se conectar em diferentes temporalidades e com variadas dinâmicas.

E qual mesmo o sentido da tematização que propus no início desse texto? Parte do princípio de que o processo de narrar permite fazer o sujeito perceber-se nas caminhadas tecidas ao longo da vida, e das experiências trilhadas em vários contextos socioculturais, acadêmicos, pessoais, profissionais entre outros, por meio de uma reflexividade, tomando consciência do que lhe pareceu mais significativo e construindo possibilidades de formação, aprendizagens e conhecimentos.

Porém, o dar a ver na tessitura da experiência narrativa tem duas dimensões implicadas: a primeira é que narrando, o sujeito consegue enxergar-se construindo uma reflexão sobre si sob vários prismas (autobiografização), que pode ser transformadora, formativa e emancipatória; a segunda é que, no contexto de acompanhamento (auto)biográfico desenvolvido no processo de formação de professores(as), o sujeito consegue tecer um conjunto de reflexões em diálogos, de forma coletiva pelo narrar (heterobiografização), constituindo outros tantos referenciais sobre si e o movimento trilhado dentro de um contexto, com determinados objetivos a alcançar.

O dar a ver nesse texto, então, está relacionado com o que foi possível emergir fruto da escrita narrativa elaborada pelos(as) professores(as) em formação (acadêmicos(as) do curso de

Letras-Libras e professor formador), que participaram desse estudo, que me enviaram suas produções via e-mail, mas também, pelo retorno que dei a cada um(a) pelo mesmo correio eletrônico, com uma escrita reflexiva, no sentido de fazê-los(as) pensar na riqueza e potência de suas narrações para si e no contexto da formação de professores(as).

É válido salientar que adoto a concepção de reflexividade narrativa nesse texto subjacente a uma “[...] disposição humana e que acontece no ato singular de narrar e de refletir sobre experiências vividas” (PASSEGGI, 2021, p. 97)

Posto isso, à medida em que oriento e provooco docentes em formação ou estudantes dos cursos de licenciaturas a pensarem sobre si, narrar alguns fatos ou acontecimentos vividos no decurso de sua vida, de marcas que ficaram em sua memória e de experiências educativas, sociais, políticas, culturais e pedagógicas pelas quais trilharam no processo de escolarização e em outros contextos, o sujeito passa a protagonizar-se, tecendo uma historicidade pela linguagem e (re)inventando-se.

As reflexões aqui tecidas dialogam com autores(as) do campo da pesquisa narrativa (auto)biográfica, com os princípios de: Marie-Christine Josso (2010; 2020), Paul Ricoeur (2007; 2010), Walter Benjamin (2012), Inês Bragança (2018; 2020), Conceição Passeggi (2021), Edméa Santos (2019) e outros(as).

Quanto a questão norteadora, o estudo buscou fazer a seguinte provocação: que contribuições são propiciadas pelo processo de narrar no meio virtual no contexto da formação de professores(as) na Educação Superior?

Com base nesse questionamento, os objetivos propostos no texto, buscam: compreender as contribuições da escrita narrativa (auto)biográfica no meio virtual e seus reflexos no processo de formação de professores(as) na Educação Superior; bem como refletir acerca dos movimentos e implicações gerados entre formador de professores(as) e os sujeitos envolvidos na docência universitária em situação de acompanhamento desenvolvido pela mediação (auto)biográfica no ciberespaço.

Discutirei o texto, inicialmente, contando o desenvolvimento metodológico de minha experiência desenvolvida com a *pesquisaformação*, logo em seguida trago reflexões de minhas narrativas em diálogo com as dos(as) professores(as) participantes do estudo, e finalizo com as lições e aprendizados que ficam dessa formação em movimento.

As dimensões metodológicas de narrar na *pesquisaformação*

Esse estudo foi desenvolvido no âmbito da abordagem de *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em educação durante o primeiro semestre do ano de 2023.

A *pesquisaformação* nesse texto é tributária de três fundamentações com as quais vem me acompanhando há uma década ao longo de minhas experiências formativas, na produção do conhecimento científico e nos processos de ensino, pesquisa e formação.

A primeira perspectiva é pautada pelo movimento das *Histórias de vida em formação*, que iniciou seus trabalhos na década de 1980 no contexto francófono, principalmente, na Universidade de Genebra (Suíça) e na Universidade de Montreal (Canadá) com os usos metodológicos das histórias de vida e narrativas (auto)biográficas na educação de adultos, tendo como idealizadores(as) Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Mattias Finger e Gaston Pineau (JOSSO, 2010).

A segunda é oriunda dos estudos nos/dos/com os cotidianos que surgiu no Brasil no campo do currículo na década de 1980, desenvolvido por Nilda Alves, passando a se desenvolver de forma mais acentuada nos finais dos anos de 1990, muitos dos quais em parceria com Regina Leite Garcia, focalizando a formação de professores(as) e de novos(as) pesquisadores(as) na área e com publicações científicas na temática (ALVES, 2003).

A terceira via fundamenta-se pelo Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia, que tem um modo peculiar de escrita narrativa (auto)biográfica pautando-se por uma escrita outra nas múltiplas interfaces entre memória, experiência e narração na constituição de si e do outro com sensibilidade, aprendizagem e formação, muitos dos quais, estabelecidos por professores(as) em diálogo tecido entre escola-universidade e vice-versa (BRAGANÇA, 2018; BRAGANÇA et al, 2020).

O Polifonia é coordenado pela Profa. Dra. Inês Bragança e inserido dentro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e faz parte também do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação, da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em São Gonçalo (RJ).

Aliás, é com Bragança (2018) que encontrei a primeira vez o uso do termo *pesquisaformação*, sinalizando tanto a possibilidade do limiar aberto que emergem nas e das palavras na construção do conhecimento científico, bem como na tessitura de outras tantas palavras que possam dar a ver a indissociabilidade entre os processos de pesquisar e formar,

pautando-se pelos estudos nos/dos/com os cotidianos.

Assim, a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica na perspectiva de Bragança (2018) é tecida em seus múltiplos modos de vida e expressão, apontando, entre outros aspectos, na constituição de um viés sensível, político, metodológico e epistemológico e sua potencial contribuição nos processos de pesquisa e formação em que o sujeito permite se engajar e transformar-se na e pela narração.

Os princípios da *pesquisaformação* condiz como um processo pelo qual pesquisador(a) e sujeitos participantes da pesquisa mediatizados pela reflexividade narrativa e (auto)biográfica tomam consciência dos percursos trilhados e se formam juntos, trazendo a riqueza e potência da construção de conhecimentos, como da tessitura de aprendizagens e seus reflexos formativos (JOSSO, 2010).

Já no que se refere à tematização da educação com as hipermídias na qual esse trabalho se situa, mais precisamente no tocante à educação online, cabe trazer uma relevante discussão feita por Santos (2019, p. 102). A autora reflete na obra *Pesquisa-formação na cibercultura*, que essa abordagem consiste na “experiência na docência online e na prática cultural da cibercultura [com] inspirações para que possamos fazer pesquisa em contextos de educação online, instituindo assim o que estamos chamando de pesquisa-formação na cibercultura, ou ciberpesquisa-formação”.

Passo agora a contar, de forma mais específica, como propus, acompanhei e desenvolvi junto com professores(as) em formação na educação superior, a tessitura da escrita narrativa (auto)biográfica e de histórias de vida, como perspectiva metodológica, avaliativa e formativa.

Primeiramente, gostaria de salientar quanto ao perfil dos sujeitos participantes do estudo: três são docentes atuantes na Educação Básica, na rede pública municipal da cidade de Piripiri (PI) e de Capitão de Campos (PI), concursados(as) nas respectivas redes, e um desses sou eu, autor desse texto, professor formador que atuo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. Quanto ao gênero, duas professoras são do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Os(as) três docentes da Educação Básica e um do Ensino Superior são nominados(as) pelo seu próprio nome. O uso dessa forma foi consentido e autorizado pelos(as) mesmos(as), conforme diálogos e registros feitos durante as aulas no presencial e online. Assim são designados/as por: Maria Aparecida, Ramona, Franciso das Chagas (docentes da Educação Básica) e Joelson Moraes (professor formador).

Todos(as) os(as) docentes, já possuem uma primeira formação em nível superior e pós-graduação *lato sensu* na área da educação e no momento três deles(as) estão cursando a segunda licenciatura em Letras-Libras, na qual se produziu os conhecimentos fruto desse texto.

Mais especificamente, no que concerne à formação de cada docente: Maria Aparecida possui curso de licenciatura em Matemática; Ramona cursou licenciatura em Geografia, Francisco das Chagas fez curso de licenciatura em Física e Joelson Moraes fez curso de licenciatura em Pedagogia, e também possui Mestrado e Doutorado em Educação.

A escolha das escritas narrativas (auto)biográficas dos(as) professores(as) em formação, se deu devido ao seu teor de reflexividade produzida com uma acentuada profundidade e consciência na capacidade de narrar e contar suas histórias de vida.

Os dispositivos metodológicos utilizados na pesquisa, foram: a escrita narrativa (auto)biográfica e conversas no meio virtual. As narrativas foram compartilhadas através do e-mail, e as conversas se deram após eu fazer a leitura, individualmente, de cada narrativa, retornando em diálogos que estabeleci com os(as) docentes.

Dentre as propostas metodológicas e avaliativas da disciplina *História da Educação*, a qual ministrei, propus para que os(as) acadêmicos(as) do curso, que são professores(as) em formação, elaborassem uma escrita narrativa de história de vida, em que pudessem narrar alguns acontecimentos de suas experiências (auto)biográficas.

Primeiramente, abordei numa aula expositiva e dialogada, no início, apresentando os diferentes dispositivos metodológicos existentes e suas múltiplas formas de expressão do vivido pela experiência da escrita narrativa (auto)biográfica e de outas tantas linguagens que dessa abordagem poderiam emergir, com narrativas: imagéticas, pictóricas, visuais, escritas, orais, musicais e outras tantas.

Tal proposição foi feita, inicialmente, de forma presencial na turma, trazendo algumas orientações didáticas, metodológicas e organizativas sobre a construção de narrativas (auto)biográficas em suas diferentes linguagens. Para isso, apresentei alguns tipos de narrativas, fruto de outros trabalhos que eu já havia produzido anteriormente, seja em disciplinas já ministradas, como de cursos promovidos e que participei, bem como fruto da minha *pesquisaformação* no doutorado em educação que realizei, e algumas com contribuições oriundas de publicações na área.

A ideia inicial seria que alguns/algumas pudessem elaborar suas escritas e compartilhassem ao narrar em sala de aula durante os encontros presenciais e os(as) demais

enviassem por e-mail, no qual eu iria fazer a leitura, individualmente e depois dar retorno em diálogos narrativos pelo meio virtual.

Algumas questões foram provocadas e lançadas para a turma via slide, no sentido de pensarem ou permitir disparar a escrita de suas narrativas para construir seus textos e depois me enviarem via e-mail. As questões levantadas foram 1) Como me tornei quem sou? 2) O que estou sendo? 3) O que posso vir a ser? 4) Como escrevo a minha história? 5) O que aprendo com a escrita de minha vida? 6) Para que ou para quem a escrevo?

Questionar os sujeitos sobre si, os percursos trilhados em sua vida e as experiências construídas em diferentes temporalidades da formação e da existência pelas quais passou, exercita a memória (auto)biográfica, dando condições para materializar seu pensamento de uma forma palpável no âmbito da construção de suas narrativas.

Questionamentos esses que considero fundamentais na orientação e desenvolvimento metodológico na pesquisa, ensino e formação docente com o uso de narrativas (auto)biográficas em seus diversos modos de expressão, tipos e características.

A proposta seria que cada professor(a) em formação me enviasse por e-mail a sua escrita narrativa (auto)biográfica produzida, inclusive, com a presença de componentes que também girasse em torno da construção de suas histórias de vida, até para eu conhecer um pouco mais de cada um(a), e então, eu iria dar retorno no mesmo e-mail com o qual me enviaram seus escritos.

Foi assim, portanto, que procedi metodologicamente, e que apresento a seguir as narrativas dos(as) estudantes professores(as) em formação, em diálogo com minhas narrativas que retornei a eles(as) via e-mail, em diálogos que extrapolaram a dimensão metodológica e avaliativa, e que foi formativa. Esse processo se constituiu numa prática extremamente transformadora e (auto)formativa, além de aflorar um conjunto de sensibilidades, emoção e deleite pela leitura e reflexões produzidas nesse movimento.

Antes de apresentar os diálogos tecidos em escritas narrativas (auto)biográficas compartilhadas na formação de professores(as) no meio virtual, como acompanhamento nesse processo que realizei, devo salientar que primei pela interpretação e compreensão das fontes narrativas, pautado na hermenêutica da narratividade e temporalidade em Ricoeur (2010), entrelaçadas com as reflexões permeadas pela memória, experiência e narração em Benjamin (2012).

Na seção a seguir, portanto, apresento os diálogos possíveis construídos nesse contexto

da cibercultura, que emergiu via e-mail, buscando descortinar seus múltiplos horizontes de possibilidades formativas e (auto)formadoras.

Potência reflexiva das narrativas docentes no ciberespaço

Com acentuada proeminência da interrelação tecida entre aprendizagem, conhecimento e formação apresento as escritas narrativas (auto)biográficas em diálogos tecidos com os(as) docentes e que tem forte teor de sensibilidade, emoção e formação,

Em uma das narrativas da Maria, tece uma reflexão profundamente implicada de sua história de vida, contando um fato pela qual passou na constituição e formação familiar quando na infância, ao mesmo tempo em que se encontrava na fase de escolarização, em que consegue perceber e tirar lições e aprendizados de sua realidade no tempo presente. Assim narra a docente:

A persistência de um pé de limão galego

A minha vida assim como de milhares de outras Marias sempre foi de muitas lutas, nasci numa família humilde pra não dizer paupérrima, tínhamos tantas dificuldades que chega a ser um privilégio ter tudo o que eu quero hoje, lembro com clareza e sempre dou uma rizada lembrando-me de quem escapou da miséria só com a vontade de vencer, meu pai lavrador e minha mãe lavadeira sempre fizeram o máximo para nos ver dentro de uma escola pois era só o que eles poderiam oferecer, sempre dei muito trabalho pois sempre fui e continuo sendo muito curiosa e acredito que graças a essa curiosidade é que alcancei patamares cada vez mais altos. Fui criada com chá de folha de limão galego com farinha torrada. No almoço sempre tinha uma caça como mistura. E pra não perder os dentes escovávamos a boca com sabão. E essas linhas são só um trecho de tudo que vivi (Narrativa da professora Maria Aparecida, 14/01/23).

Com base na narrativa recebida pelo meio virtual, percebo os incidentes críticos relatados por Maria que faz com que o narrar possa emergir e também a riqueza da experiência de vida enfrentada por ela, praticando, assim, uma reflexividade consciente, formadora e transformadora de si pelo narrar, a qual traz um conjunto de elementos do passado para pensar o presente. É nessa trama tecida nas temporalidades do vivido que emerge a beleza e encanto de sua narrativa, afinal de contas “o narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos ouvintes” (BENJAMIN, 2012, p. 217).

Ao ler a narrativa por e-mail, a emoção me contagiou de imediato bem no início do texto, seguido de lágrimas, mas ao mesmo tempo de pensar na capacidade disparadora que faz o(a) professor(a) formador(a) com os usos metodológicos das histórias narrativas de vida nesse dispositivo tecnológico, como o computador com o qual utilizei para compreender a experiência

narrada.

Sua narrativa foi profundamente marcante, e me fez pensar o qual significativo é tecer uma escrita de si, na qual baseia-se em fatos de sua experiência vivida em uma determinada temporalidade, cheia de situações que recuperam o passado pela memória na narração. Daí a reflexão de que “a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (RICOEUR, 2010, p. 9)

Muitas dessas experiências narrativas acabam revelando as condições políticas, econômicas, sociais e formativas de que padecem as pessoas das classes populares no cenário brasileiro e de determinadas regiões desse país, caracterizado pela má distribuição de renda, condições de vida e falta de oportunidades, estudo, trabalho, cultura e formação.

Como não espero muito para responder narrativamente após a leitura que faço das escritas narrativas dos(as) docentes ou estudantes que me enviam suas produções, considero relevante esse movimento de afetação seguido do processo de narrar no momento que acontece as sensações e atravessamentos gerados nesse movimento, uma vez que traz uma outra conotação e expressão do vivido, contribuindo para representar com um maior grau de fidelidade possível o que emerge desse dinamismo.

Tomado pela afetação emocional e por um conjunto plural de pensamentos, aprendizados e sentimentos que foram me tomando no momento da leitura da narrativa de Maria e depois de lida, logo respondi ela, com o seguinte teor:

Eita Maria, querida. Uffa... Você simplesmente me arrancou lágrimas agora ao ler a sua escrita narrativa de história de vida. Eu não aguentei, as lágrimas saltaram dos meus olhos e do meu rosto e tive que pegar um lenço para enxugá-las. Desde o título eu fiquei logo curioso para ler, e achei lindo, a maneira como você brinca com as palavras, trata de assuntos complexos e impactantes, conta histórias e poetisa ainda por cima. Nossa! Em uma página você disse muito mais do que em dez. Fiquei encantado, envolvido e seduzido pelas histórias contadas e, principalmente, pela sua história de vida. No final eu fiquei pensando e me emocionando demais após a leitura, pensei em uma forma de como te dizer isso que te escrevo agora e a emoção ainda me contagia bastante ao escrever esse e-mail. É inspiradora sua história de vida. Obrigado por ter aceito o desafio de escrever uma narrativa (auto)biográfica. Um abraço carinhoso (Narrativa do professor formador Joelson Moraes, 20/04/23).

De fato, eu fiquei perplexo e uma avalanche de sensações e sentimentos me invadiram no decurso da leitura da experiência narrada pela docente e durante a escrita do e-mail ao retorná-la, pois, mexeu muito comigo ler sua narrativa de história de vida.

Ao ler as histórias que os sujeitos nos contam, acabamos pensando na nossa própria história evocada pela memória, praticando um voltar para si que forma, permite possibilidades

de (auto)formação e amplia os horizontes de reflexão da formação docente, de si com o outro, e da própria profissão, entre outros aspectos que surgem antes, durante e após a leitura. Por isso, faz muito sentido que “[...] nesse ato de linguagem, a pessoa que narra reconstitui uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida” (PASSEGGI, 2021, p. 94)

Como formador de professores(as) e pensando com os diálogos narrativos tecidos nesse texto, o processo de ler as escritas (auto)biográficas e de histórias de vida na formação docente pelo meio virtual, não há como separar vida de formação, nem outros entrelaçamentos que vão emergindo e se enredando nas redes midiáticas. Tudo se mistura, passando a compor o tecido vital da existência e dando a ver outros tantos acontecimentos que parecem ser significativos e valorativos do sujeito que narra. Por isso, convém citar:

As narrativas de formação e o trabalho intersubjetivo de análise e interpretação dão acesso a um conhecimento de si *fonte de invenção possível de seu vir-a-ser, no entanto, os efeitos transformadores desse trabalho são aleatórios, porque exclusivamente orientados pelo pensamento reflexivo* (JOSSO, 2010, p. 62. Grifos da autora).

Em uma outra narrativa, agora da professora Ramona, passa a se lembrar de pessoas que lhe inspiravam na constituição do ser pessoa e profissional que passou a ser, e das contribuições que estas deram em sua formação de vida e de escolarização. Uma delas, e que aparece frequentemente em sua narrativa é sua mãe, que sempre a acompanhou no processo formativo. Ou como melhor narra:

Durante minha infância minha mãe sempre prezou pelos nossos estudos, uma vez que ela sempre teve a consciência de que a educação que ela não teve acesso seria a chave para a transformação das nossas vidas. Com muito esforço e dedicação levava eu e a minha irmã todos os dias para a escola em sua cansada bicicleta monark, diariamente e pontualmente sempre estávamos em frente aos portões da escola Circulo Operário as sete da manhã, com nossas saias de prega devidamente alinhadas e engomadas e as mochilinhas de lado (Narrativa da professora Ramona, 17/01/23).

Torna-se relevante situar o talento narrativo que empreende a professora Ramona em sua escrita narrativa, tanto que consegue expressar em detalhes sua narração, com experiências reflexivas que vão desde a relação com o acompanhamento que sua mãe fez com ela na sua fase escolar, transitando pelas caminhadas em que consegue enxergar durante esse processo, inclusive, lembrando-se do nome da escola, do transporte usado no período para ir a instituição e as características da roupa que usava na época.

A capacidade de rememoração da docente situando sua vida em múltiplos movimentos

no tempo presente, permite fazer descobertas relevantes no seu processo formativo, exercitando, assim, sua memória. Esse processo é relevante e significativo, uma vez que “com a rememoração, enfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido” (RICOEUR, 2007, p. 73).

Narrar pelo meio virtual, uma experiência vivida pelo sujeito em relações estabelecidas consigo e com o outro é (trans)formador e de uma dimensão potencial que mostra a riqueza e característica pedagógica e formativa da hipermídia, inclusive, na construção de conhecimentos e como meio privilegiado de formação, que ultrapassa a mera utilização somente por meio de informações. Essa minha experiência, se aproxima muito do que tem feito Santos (2019) tecendo uma pesquisa-formação na docência online no contexto da formação de professores(as). Assim:

A educação online, a aprendizagem ubíqua e seus dispositivos se configuram como espaços formativos de pesquisa e prática pedagógica em que são contempladas a pluralidade discursiva das narrativas e experiências pessoais, profissionais e acadêmicas dos praticantes culturais (SANTOS, 2019, p. 19-20)

Em vista das discussões realizadas, Chartier (2002), em *Desafios da leitura*, pontua que vivemos numa nova sociedade do conhecimento e da informação, caracterizada pela revolução da textualidade digital, na qual foi se constituindo processos de leitura em outros diversos dispositivos ao longo do tempo. Assim, a leitura que antes se realizava apenas num livro, ou outros artefatos concretos e presenciais, passou a dar lugar em leituras e escritas noutras dinâmicas realizadas agora pelos usos das tecnologias, como no caso do computador e em outros dispositivos tecnológicos e, assim, passamos a viver uma mutação epistemológica, com mudanças que imprimiram novos modos de aprender, conhecer, pesquisar e formar.

Mediante a leitura de sua narrativa no e-mail, reflito um pouco e passo a dar retorno para a professora Ramona, escrevendo a seguinte narrativa:

Ramona querida. Que narrativa é essa? Minha nossa, uma escrita presente para mim, para você e para todos que um dia possam ler. Eu fiquei emocionado, ri algumas vezes, outras meus olhos se encheram de lágrimas e em outros momentos me vi na sua escrita com experiências de vida que também trilhei. Você escreve tão bem e de uma forma linda. Eu adorei e me senti no dever de dizer o que estou dizendo agora para você como um retorno fundamental e necessário para a nossa formação, afinal de contas, o diálogo e a coletividade, principalmente no que diz respeito à escrita narrativa (auto)biográfica nos fortalece, é formativa e potencialmente (trans)formadora. Ah, manda um beijo para a sua mãe eu fiquei super fã dela, achei uma guerreira, exemplo de ser humano e mãe, já gostei dela, pelo modo como você a apresentou na sua escrita

narrativa e como ela tem operado milagres e mudanças em sua e nas vidas de outras tantas pessoas. Um abraço carinhoso e sucesso. Sua escrita é simplesmente convidativa, envolvente e brilhante. Viajei demais. Beijos. (Narrativa do professor formador Joelson Morais, 20/04/23).

Ao fazer uma releitura dessa escrita, penso o qual significativo é usar a metodologia da escrita narrativa na formação de professores(as), e neste caso, no ciberespaço, que passa a ser um modo outro de construção de conhecimentos, como de compartilhamento de saberes e sensibilidades em trocas e diálogos profícuos numa via de mão dupla: a que se dá quando o sujeito narra e compartilha sua narrativa e a do(a) formador(a) que lê, reflete com e sobre o texto escrito, e retorna com as reflexões e afetações produzidas em si fruto desse dinamismo e também com uma escrita narrativa (auto)biográfica.

Muitas vezes não sei o que acontece do outro lado das telas à propósito de como vai encarar o sujeito que lê o que eu escrevo, e vice-versa. Por isso, dar um retorno em forma de escrita narrativa pelo mesmo dispositivo tecnológico e cibernético usado por ambos, não é apenas um compromisso formativo e burocrático, mas sim, ético, político e pedagógico gerado nesse movimento da formação docente.

Tenho feito isso, de dar um *feedback* a estudantes ou professores(as) em formação, os(as) quais compartilham comigo seus escritos narrativos e os ganhos são das mais variadas dimensões, como: nas reflexões sobre a disciplina cursada; nas escritas das histórias de vida; na expressão das emoções, sensibilidades e afetações produzidas nesse processo na escrita (auto)biográfica; na construção de conhecimentos e aprendizagens que a prática do narrar permite; na exercitação da memória invocando o passado e tecendo uma figura de si no presente pela reflexividade narrativa; nas críticas e (auto)críticas feitas; entre outras temáticas que emergem nesse movimento. Como os(as) docentes me enviaram suas atividades escritas via e-mail, nesse caso, usando a internet, nesse ponto, cabe a seguinte reflexão:

[...] Essa internet mais interativa torna-se a infraestrutura principal da nova cena sociotécnica e nela o incluído cibercultural é o praticante cultural capaz de apropriar-se ou apoderar-se da dinâmica autoral, colaborativa e móvel para empoderar-se como cidadão nas cidades e no ciberespaço (SANTOS, 2019, p. 46)

À propósito de uma outra narrativa, agora do professor Francisco, o mesmo passa a praticar uma reflexividade situando sua infância durante o processo de escolarização, na mediação com a família nesse processo, mostrando suas peripécias como aluno e apontando aprendizagens construídas e a capacidade da memória com componentes fundamentais que esta efetua em si. É relevante as discussões que faz o docente nessas e em outras tematizações

narradas, conforme pontua:

Durante os primeiros anos de vida, fui uma criança que conviveu basicamente com adultos. Filho de lavrador. Eventualmente brincava com crianças de casas vizinhas (primos), pois, onde morava os moradores eram todos da mesma família. Aos seis anos fiz minha mãe pedir a professora dos meus irmãos para eu estudar. Fiz a festa na sala: tomava os materiais dos alunos e com dois meses assistindo aula aprendi ler. Estudava em uma escola improvisada numa casa de farinha onde fiz a primeira série. No ano seguinte foi construída uma escola com uma sala de aula. O início de minha vida escolar foi marcado, obviamente, por muitas situações. Recordo apenas algumas delas – situação previsível, uma vez que a memória opera com seleções e esquecimentos. Hoje, tendo outra condição de analisar o vivido, percebo que tive um ensino bastante tradicional e que me proporcionou menos do que poderia e deveria (Narrativa do professor Francisco das Chagas, 17/01/23).

Trazer a memória e narrar os acontecimentos vividos pela escrita narrativa (auto)biográfica se configura como um dispositivo potencial de tomada de consciência acerca dos percursos trilhados pelo sujeito, efetuando-se no presente e construindo lições e aprendizados pelas experiências as quais passou e que podem guiar outros projetos de futuro com diferentes perspectivas.

Quando há processos de interação entre o(a) professor(a) formador(a) no âmbito universitário e o(a) professor(a) em formação da Educação Básica, através dos meios cibernéticos e virtuais com os quais vem acompanhando ambos, reciprocamente, nessa trajetória, melhores são as chances de construção de aprendizagens e conhecimentos, até porque são tecidas interações através de um processo de retroalimentação suscitado pelas interrelações teoria-prática, reflexão-ação-reflexão, escola-universidade e outras as quais são componentes fundamentais em todo contexto de formação de professores(as).

O movimento gerado pela leitura da narrativa do professor Francisco, me suscitou entendimentos sobre a relevância da memória na composição das histórias de si, e as diferentes fases pelas quais são possíveis de tecer na narração, envolvendo diferentes temporalidades, que são defendidas por Ricoeur (2007), pelo triplo presente, no qual reflete a partir de Santo Agostinho. Assim, esse triplo presente, se dá pelo “presente do passado ou memória, presente do futuro ou expectativa, presente do presente ou intuição” (RICOEUR, 2007, p. 74).

Nesse sentido, cheguei a retornar por e-mail ao docente com a capacidade reflexiva que me atravessou no momento da leitura e que me possibilitou refletir sobre o que narrou, passando a imaginar a figura da pessoa atual, tecendo na minha memória o como seria ele ou o que fazia, de acordo com o que compartilhou comigo, quando criança na escola, e ao mesmo tempo suas relações estabelecidas nessa instituição e com a família. Assim, dialogo com ele narrativamente

usando o apelido que gosta de ser chamado:

Chaguinha meu querido. Muito bom ler um pouco da sua história de vida. Viajei e aprendi um pouco mais do que eu sabia e isso foi uma aventura por demais interessante e super importante. Obrigado por aceitar o desafio de escrever uma narrativa (auto)biográfica. Um abraço. (Narrativa do professor formador Joelson Moraes, 19/04/23).

Percebo então, como esse movimento de receber uma escrita narrativa na formação docente, seja de forma virtual ou presencial, traz aprendizagens e conhecimentos não somente para o sujeito que narra, mas para o(a) professor(a) formador(a) atuante nos cursos de licenciaturas, pois passo a refletir com suas escritas, percebendo como cada um(a) constrói seus processos formativos, de que forma tece conhecimentos e como consegue aprender de diferentes formas, além de conhecer um pouco mais da pessoa e de sua história de vida.

Como provoca a pensar Benjamin (2012), o tempo de narrar com o talento que possui tanto narradores, tem ficado cada vez mais no esquecimento e relegado a segundo plano. O problema disso decorre do aligeiramento da vida moderna, em que as formações capitalistas vêm dando cada vez mais primazia à técnica e ao *saberfazer*, esquecendo-se, portanto, da riqueza e potência do narrar com sensibilidade, alargando as experiências cotidianas significativas no tempo presente que os sujeitos produzem e que são formativas e transformadoras de si, do meio circundante e da existência.

Diante das discussões realizadas nesse estudo, cabe reiterar que o mesmo foi produzido como pesquisa e formação desenvolvida no meio virtual, no ciberespaço, principalmente com o uso do e-mail na construção, reflexão e compartilhamento de escritas narrativas (auto)biográficas, um campo promissor e necessário nos tempos atuais. Nesse sentido, é válido, enfatizar o pensamento de Josso (2020) na esteira desse contexto com o uso da web nas práticas metodológicas com histórias de vida e narrativas (auto)biográficas. Alerta a autora sobre isso:

[...] não esqueçamos de acrescentar este (auto)biográfico que está escrito em toda parte na “web” (WEB), que continua sendo um enorme campo de pesquisa e que também pode desempenhar um papel muito promissor nas práticas de histórias de vida, em formas que ainda precisam ser inventadas (JOSSO, 2020, p. 51)

Posto isso, depreendo que as práticas metodológicas que venho desenvolvendo em minha didática na docência do Ensino Superior, vem primando por registros narrativos (auto)biográficos dos mais diversos modos de expressão da experiência vivida. A escrita

narrativa é um meio que tenho privilegiado nesse processo, e muitas delas, produzidas nos meios virtuais, tanto no compartilhamento feito por e-mail, quanto pela plataforma no *Google Meet*, pelo *WhatsApp*, e em outras tantas redes midiáticas que o ciberespaço tem propiciado. Trata-se, pois, de “uma *pesquisaformação* outra que não abre mão da rigorosidade metódica, da consistência, mas que segue (re)inventando modos de *vivernarrarpesquisarformar*” (BRAGANÇA, 2018, p. 76).

O que tenho feito de receber escritas narrativas ou com outras tantas expressões do vivido (narrativas musicais, imagéticas, pictóricas, orais, audiovisuais e outras) nas hipermídias, em que passo a ler e dar retorno também com minhas escritas narrativas a estudantes dos cursos de licenciaturas e professores(as) em formação, tem representado um “divisor de águas”. Porém, para que isso aconteça, é preciso que o(a) docente disponibilize um tempo maior no processo de acompanhamento na mediação (auto)biográfica, e que é por demais significativo, (auto)formativo e potencialmente emancipatório para o(a) professor(a) formador(a) e todos os sujeitos envolvidos nessa teia de relações, aprendizagens e conhecimentos (com)partilhados juntos.

Reflexões que ficam de uma experiência em formação

A reflexão a que cheguei desse estudo é que o desenvolvimento da *pesquisaformação* no ciberespaço com o uso do e-mail como dispositivo metodológico, ultrapassou as lógicas instituídas por apenas enviar arquivos e responder mensagens estanques, curtas e precisas. Para além disso, o e-mail significou um meio didático e pedagógico enriquecedor para professores(as) em formação, trazendo também a constituição de um processo de (auto)formação como formador de professores(as) nesse movimento.

Diante da sociedade do conhecimento e da informação que se configura nos dias atuais, cabe ressaltar que a educação e a formação não acontecem apenas de forma presencial, e com o consequente avanço das tecnologias e da internet, hoje é possível aprender, conhecer, pesquisar e formar no meio virtual e em outras tantas dinâmicas que vão sendo descobertas pelos sujeitos em redes comunicativas e de interações diversas no contexto online.

Refletir em movimento com as leituras das escritas narrativas e das histórias de vida de professores(as) em formação na educação superior, e com os retornos dados de professores(as) formadores(as) nesse processo no ciberespaço, sinaliza para as tantas outras descobertas que o mundo online propicia, capaz de inaugurar e captar diversas linguagens que por meio de outros

dispositivos não seriam possíveis de construir e perceber.

No processo de formação de professores(as) a *pesquisaformação* desenvolvida com as hipermídias permitiu tecer inúmeras contribuições formativas, pedagógicas e metodológicas enriquecedoras para mim e com os(as) docentes, tecidas em diálogos online pelo e-mail.

Assim, tanto eu professor formador, quando os sujeitos participantes da *pesquisaformação* produziram escritas narrativas (auto)biográficas, compartilhando-as virtualmente, compondo, então, outros sentidos e possibilitando construir um conjunto significativo de reflexividade pelo narrar, com aprendizagens e conhecimentos tecidos na formação, no próprio movimento que nos acompanhava.

Na didática docente, depreendo que há muitos meios, formas e dispositivos de aprender, ensinar e educar na sociedade em que vivemos. A educação realizada via tecnologias com o uso de celulares, computadores, *tablets* e outros artefatos, bem como a conexão utilizada via internet, redes sociais e outras tem mostrado não somente um meio de interatividade, como canal privilegiado de construção de relações, as mais diversas possíveis, como também de educação, aprendizagem e formação. Mas para que isso aconteça, é preciso que sejam dadas as devidas orientações quando há uma mediação entre sujeitos no coletivo, ou quando feita individualmente, em que o sujeito possa fazer seus usos de forma educativa e pedagógica quando assim se propõe, pois há um mundo de possibilidades a descortinar por essas ferramentas cibernéticas.

Narrar e compartilhar os escritos narrativos (auto)biográficos, foi, pois, uma experiência significativa de produção de conhecimentos válidos, legítimos e democráticos. Para isso, faz-se necessário que os(as) professores(as) e estudantes de licenciaturas tenham acesso aos diversos meios tecnológicos e seus múltiplos artefatos e dispositivos existentes, participando, assim, de uma inclusão cibercultural, gerando práticas formativas na educação e nos contextos por onde atuarão profissionalmente, promovendo seus usos com seu alunado e que engendre, assim, criatividade, a tessitura de outras redes comunicacionais, aprendizagens e inovação.

Que o ciberespaço na diversidade da educação online possa descortinar outros tantos horizontes de possibilidades formativas, de aprendizagens e tessitura de variados saberes e conhecimentos, trazendo a potência e riqueza didática, teórica e metodológica com as histórias de vida em formação e com escritas narrativas (auto)biográficas. E que outras tantas linguagens e expressões do vivido possam emergir nesse movimento de formação docente, porque é capaz

de transformação e (re)invenção de outros mundos possíveis pela narração, praticando um reflexividade instituinte, democrática, emancipatória e sinalizadora de outros projetos de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *TEIAS*: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, p.1-8, jan/dez 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967/16939>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In.: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed São Paulo: Brasiliense, 2012.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In.: ABRAHÃO, M. H; M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (Orgs). *Pesquisa narrativa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos*. Curitiba: CRV, 2018. p.65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Acompanhamento em “pesquisa formação”: Experiências de orientação coletiva e escrita narrativa (auto)biográfica. *Márgenes*, Revista de Educación de la Universidad de Málaga, 1 (3), 326-343, 2020. Disponível em: <https://revistas.uma.es/index.php/mgn/article/view/9484/10323>. Acesso em: 09 jun. 2023.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão Maria da Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso. 2. ed. rev. E ampl. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 09 jun. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista práxis educacional*, v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Tradução Alain François [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol.1. Tradução Claudia Berliner. Revisão da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MORAES. J de S.
Narrar e dar a ver em um mesmo movimento pelo virtual na formação docente

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

Recebido em: 02 out. 2024.
Aprovado em: 11 dez. 2024.

Revisor(a) de língua portuguesa: o autor
Revisor(a) de língua inglesa: o autor
Revisor(a) de língua espanhola: o autor